

Atos retóricos na argumentação do bispo Edir Macedo

*Rhetorical Acts In The Argumentation
Of Bishop Edir Macedo*

Max Silva da Rocha¹ 

José Maria de Melo Sousa² 

João Benvindo de Moura¹ 

Deywid Wagner de Melo³ 

¹Universidade Federal do Piauí. Teresina, PI, Brasil.

²Universidade Federal de Pernambuco. Recife, PE, Brasil.

³Universidade Federal de Alagoas. Maceió, AL, Brasil.

E-mail: sousameloaa@gmail.com; msrletras@gmail.com; jbenvindo@ufpi.edu.br; deywid@arapiraca.ufal.br

Editora-chefe

Marcia dos Santos
Machado Vieira

Editores Associados

Leonor Werneck dos Santos
Dennis Castanheira
Amanda Heiderich Marchon

Recebido: 20/02/2025

Aceito: 20/05/2025

Como citar:

ROCHA, Max Silva da; SOUSA, José Maria de Melo; MOURA, João Benvindo de; MELO, Deywid Wagner de. Atos retóricos na argumentação do bispo Edir Macedo. *Revista Diadorim*, v.27, n.1, e67318, 2025. doi: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2025.v27n1a67318>

RESUMO:

A partir dos estudos argumentativos de base retórica, este trabalho tem como principal objetivo descortinar as estratégias persuasivas que foram mobilizadas em um sermão pregado pelo Bispo Edir Macedo, que é fundador, líder e atual administrador da Igreja Universal do Reino de Deus. Por meio da pregação, o citado orador conclama o seu auditório para que se entregue à obra de Deus, doando tudo o que for preciso. A partir da construção de imagens de si, da utilização de um conjunto de argumentos e do despertar de paixões, constatamos que o discurso em tela percorre uma tentativa de convencer, persuadir, manter e ampliar uma adesão que já foi conquistada em outros momentos. Além disso, a manipulação da verdade encontra guarida, pois as asserções do orador

lançam propostas que não encontram aderência na realidade. Trata-se, desse modo, de uma busca incessante em conquistar mentes, corações e, sobretudo, de aumentar cada vez mais o número de fiéis e, por consequência, de patrocinadores. O discurso em tela tem, em sua índole mais profunda, o estabelecimento de uma retórica da manutenção persuasiva que enseja manter os fiéis “alimentados” e angariar novos membros para o redil neopentecostal da Igreja Universal do Reino de Deus.

PALAVRAS-CHAVE:

Argumentação; bispo Edir Macedo; discurso religioso neopentecostal.

ABSTRACT:

Based on rhetorical argumentative studies, this paper aims to uncover the persuasive strategies that were used in a sermon preached by Bishop Edir Macedo, who is the founder, leader and current administrator of the Universal Church of the Kingdom of God. Through his sermon, the aforementioned speaker calls on his audience to dedicate themselves to the work of God, giving whatever is necessary. By constructing self-images, using a set of arguments and arousing passions, we can see that the discourse in question involves an attempt to convince, persuade, maintain and expand an adherence that has already been achieved at other times. In addition, the manipulation of truth finds shelter, since the speaker's assertions put forward proposals that do not find support in reality. It is, therefore, an incessant search to win minds, hearts and, above all, to increasingly increase the number of followers and, consequently, sponsors. The discourse in question has, in its deepest nature, the establishment of a rhetoric of persuasive maintenance that allows the followers to be kept “fed” and to attract new members to the neo-Pentecostal fold of the Universal Church of the Kingdom of God.

KEYWORDS:

Argumentation; bishop Edir Macedo; neopentecostal religious discourse.

Considerações iniciais

Na contemporaneidade, a argumentação tem sido objeto de estudo de analistas do discurso de várias correntes enunciativas e pragmáticas. Não poderia ser diferente, tendo em vista que os estudos em argumentação estão na moda. A própria existência da sociedade pressupõe a presença imprescindível do ato de argumentar como um recurso de interação social e engajamento entre sujeitos. Como nos lembra Ferreira (2015, p. 14), argumentar “é o meio civilizado, educado e potente de constituir um discurso que se insurja contra a força, a violência, o autoritarismo e se prove eficaz (persuasivo e convincente) numa situação de antagonismos declarados”. O ato de argumentar é, também, uma tentativa de dirimir as diferenças entre os participantes de uma interação, a fim de estabelecer uma aproximação que poderá ser firmada a partir do acordo ou do desacordo como é o caso da modalidade argumentativa polêmica.

Em nosso dia a dia, estamos constantemente em processo de interação com o outro, interferindo, de algum modo, na maneira de pensar, agir e sentir. Na verdade, a argumentação começou a ser praticada no instante em que o ser humano se deu conta da possibilidade de interagir com o outro através da linguagem. E quando foi que isso aconteceu pela primeira vez? Infelizmente, não temos como precisar uma data. A história das origens da argumentação, assim como da retórica, é misteriosa e não há dados suficientes sobre isso. Para Reboul (2004, p. 1), “a história da retórica é anterior à sua própria história, e mesmo a qualquer história, pois é inconcebível que os homens não tenham utilizado a linguagem para persuadir. Pode-se, aliás, encontrar retórica entre hindus, egípcios, sem falar dos hebreus”. Trabalhamos com a ideia de argumentação retórica, nascida e disseminada através dos sofistas e de Aristóteles. Assim, a Grécia antiga é o berço dos primeiros tratados de retórica que chegaram até nós.

O caráter argumentativo está presente em todo e qualquer gênero discursivo, seja em maior ou menor escala. De forma contemporânea, Amossy (2020) preleciona que a diferença é que alguns gêneros possuem uma estratégia de persuasão programada, ao passo que todos os gêneros apresentam, de alguma maneira, uma intencionalidade. No primeiro caso, o discurso manifesta uma visada argumentativa que tenta, de distintas maneiras, persuadir a todo custo. No segundo caso, o discurso apresenta apenas uma dimensão argumentativa. É algo inerente ao próprio discurso. Assim, na esteira do pensamento da autora, importa observar de que maneira um determinado discurso incorpora ou não essas duas perspectivas argumentativas.

Com as contribuições de Amossy (2020), observamos que a argumentação no discurso incorpora novas formulações. A citada pesquisadora, ao fazer um resgate da retórica aristotélica, da nova retórica perelmaniana, adicionando tudo isso ao discurso, estabelece as bases de uma nova teoria. É com base nas postulações da

retórica e da argumentação no discurso que propomos os pilares conceituais deste trabalho. Todavia, o foco maior é dado à retórica, enquanto disciplina milenar que estuda o discurso persuasivo. Entendemos que essas teorizações podem, de algum modo, desvendar as estratégias argumentativas que são postas no discurso, objetivando convencer, persuadir, orientar modos de comportamento, modificar crenças, opiniões e costumes, além de intensificar ainda mais uma adesão já conquistada.

Perseguindo esses direcionamentos, o escopo deste trabalho é investigar as querelas argumentativas presentes no discurso religioso manifestado através de um exemplar do gênero sermão oral. Conforme define Rocha (2022, p. 56), o sermão é um gênero discursivo que pertence ao domínio religioso, “em que líderes religiosos cristãos (pastores), ocupando um lugar social de prestígio, se utilizam de textos bíblicos e, portanto, com caráter de autoridade, com o objetivo de, no momento da celebração sacra, convencer e persuadir o auditório social”.

Tomaremos por base atos retóricos extraídos de uma breve pregação do Bispo Edir Macedo, que é fundador, líder e atual administrador da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). O sermão foi publicado no canal oficial do Bispo Edir Macedo no *YouTube*, no ano de 2019. Intitula-se “No altar é tudo por tudo”. De posse desse material, transcrevemos e analisamos na íntegra. O principal objetivo foi analisar as estratégias argumentativas projetadas por meio da construção da imagem de si, do uso racional de argumentos e da tentativa de despertar paixões, mobilizadas via discurso do orador Bispo Edir Macedo, a fim de interpelar o seu auditório que, de maneira virtual, acompanhou a pregação desse chefe religioso.

É pertinente destacar que existem pelo menos dois tipos de auditório no sermão destacado neste estudo. Um auditório mais particular e/ou conhecido e o outro universal, desconhecido, apenas presumido. Sobre o primeiro, o auditório particular, trata-se de um “conjunto de pessoas cujas variáveis controlamos. Uma turma de alunas de uma escola de segundo grau configura um auditório particular. Trata-se de pessoas jovens, do sexo feminino, com o mesmo nível de escolaridade” (Abreu, 2009, p. 40). Sobre o segundo, o auditório universal, trata-se de um conjunto de pessoas que o orador não tem controle sobre as variáveis existentes. “O público que assiste a um programa de televisão configura um auditório universal. São homens e mulheres de todas as classes sociais, de idades diferentes, diferentes profissões, diferentes níveis de instrução e de diferentes regiões do país” (Abreu, 2009, p. 40).

Percebemos que, em nosso material, ambos os tipos de auditório estão representados na peça discursiva (o que representa o auditório particular – o público presente; e o auditório universal – o telespectador). Vale destacar, também, que o auditório é uma construção do orador. É o argumentador quem cria a imagem de um auditório com valores que precisam ser acionados na argumentação. Ademais, o nosso material de análise é o discurso religioso cristão de linha neopentecostal.

Por isso, consideramos esse tipo de discurso como constituinte¹, utilizando uma terminologia proposta por Maingueneau (2014). De acordo com esse autor francês, o discurso religioso deve ser considerado como constituinte porque sua validação se dá pela fé, não dependendo de qualquer outro juízo de valor. Ainda “se apoia em uma intuição banal: há em todas as sociedades discursos que ‘têm autoridade’, que dão sentido à existência da coletividade, porque se confrontam com o Absoluto. Por se autorizarem por si mesmos, devem colocar-se como ligados a uma fonte legitimante” (Maingueneau, 2014, p. 139).

Em razão desses aspectos, temos que os discursos constituintes pertencem, portanto, a um domínio específico no seio da produção verbal de uma sociedade, partilhando um certo número de propriedades quanto às suas condições de emergência, de funcionamento e de circulação que lhe são próprias. Esses tipos de discurso só ganham sentidos quando estão imersos a um mundo dóxico compartilhado. Além disso, ensejam um tipo de retórica do intocável, ou seja, eles mesmos geram um certo tipo de valoração que não é contestada.

Metodologicamente, seguimos os direcionamentos da análise retórica para o entendimento das estratégias argumentativas que o orador lançou mão ao proferir o seu sermão. De acordo com Ferreira (2022, p. 247), a “análise retórica do discurso é um exercício de desvendar a palavra pública em suas dimensões persuasivas e técnicas”. Seguindo o mesmo entendimento, Mateus (2018, p. 190-191) advoga que a análise retórica “examina persuasivamente um discurso. Considera o texto retórico enquanto unidade, e visa decompô-lo nas suas partes revelando a maneira como essas partes concorrem para, no seu conjunto, operacionalizar as estratégias de persuasão”. Nesse tipo de análise, o mais importante é mostrar quais são os dispositivos argumentativos empregados no discurso com o objetivo de mover e comover o auditório. É uma análise descritiva, explicativa e interpretativa. Foram esses critérios metodológicos que subsidiaram a nossa proposta apresentada neste trabalho.

¹ É pertinente destacar que Nascimento (2020) discorda da proposta apresentada por Dominique Main-
gueneau acerca da constituência do discurso religioso, afirmando que, na verdade, o discurso teológico
é que deve ser caracterizado como constituinte, pois o religioso é efetivado com base no teológico.
Nas palavras de Nascimento (2020, p. 34), “A questão principal não é apenas inserir o discurso teológico
entre os constituintes, mas transferir o domínio específico da produção discursiva teológica para o quadro
dos discursos constituintes, pois reconheço a constituição desse discurso e não do religioso, que se funda
no teológico, legitimando-o em um espaço institucional. Isso se deve à observação de seus dispositivos
de comunicação, que conferem sentidos às ações da humanidade, às suas condições de possibilidade de
funcionamento discursivo, que me facultam apreender o teológico como fundador de si mesmo e de
outros gêneros de discurso”. Mesmo existindo essa discordância, não iremos, neste trabalho, discorrer
sobre essa querela teórica. Seguiremos, neste artigo, a ideia proposta por Maingueneau (2014), mesmo
sabendo da relevante questão apresentada por Nascimento (2020). Em outros trabalhos, poderemos
discutir esses pontos tão imprescindíveis.

Argumentação na perspectiva retórica

Os estudos em argumentação, pelo menos na perspectiva retórica, têm início e são provenientes dos mestres sofistas da antiguidade. Foi na Grécia antiga que a argumentação encontrou o seu florescimento. Desde essa época longínqua até a contemporaneidade, muita coisa foi produzida sobre os estudos argumentativos da linguagem. “A atual situação dos estudos de argumentação é resultante de uma tendência histórica de longa duração, para a qual o período de fins do século XIX até o início do século XX constitui um momento chave” (Plantin, 2008, p. 12). É justamente no ano de 1958 que surge um extenso tratado de argumentação que resgata a retórica e lhe confere, novamente, um lugar de prestígio.

Com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), vemos o renascimento da antiga retórica aristotélica, mas com novas reformulações, roupagens, sobretudo, na organização das técnicas argumentativas sustentadas por grandes grupos de argumento. Foi com esses pioneiros que a argumentação retórica encontrou, de uma vez por todas, o seu lugar nas ciências da linguagem de base enunciativa, pragmática e discursiva. Para eles, o objeto da nova retórica, no tratado da argumentação, é “o estudo das técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhes apresentam ao assentimento” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014, p. 4). As técnicas discursivas são justamente os recursos persuasivos que o orador lança mão para tentar persuadir o seu auditório. É aqui que as provas retóricas são encontradas a partir de raciocínios que se manifestam no campo do preferível, da possibilidade.

As provas retóricas são provenientes de três elementos assim delineados: o *ethos* – diz respeito à construção da imagem de si no discurso; o *logos* – diz respeito aos argumentos racionais que são postos no discurso; e o *pathos* – diz respeito ao conjunto de emoções ou paixões que o orador tenta despertar em seu auditório por meio do discurso (Aristóteles, 2011). É pertinente lembrar que o *pathos* se refere a efeitos possíveis e nunca a efeitos dados. Essa trilogia é o alicerce fundador da teoria retórica de base aristotélica. Por meio dela, é possível analisar os elementos persuasivos que são postos na argumentação. Um elemento dessa tríade pode ser mais recorrente do que o outro, mas nenhum deles se apresenta dicotomicamente. Ao contrário, eles estão inter-relacionados. Neste trabalho, o nosso foco de análise recairá sobre a tríade retórica, mas iremos privilegiar uma discussão enfatizando o *ethos* do orador. Trata-se de um sermão pregado por um expressivo chefe religioso evangélico que, por meio da oralidade, procede a atos retóricos. Pensamos ser o *ethos* a principal categoria mobilizada para atingir passionadamente o auditório. Entretanto, não deixamos de lado nem o *logos*, nem o *pathos*.

De acordo com Aristóteles (2011, p. 45), a imagem que o orador constrói quando argumenta é um dos principais elementos persuasivos. “A persuasão é obtida graças ao caráter pessoal do orador, quando o discurso é proferido de tal maneira que nos faz pensar que o orador é digno de crédito”. Através do discurso, o orador projeta para o seu auditório diferentes imagens de si que podem, de alguma maneira, conquistar a adesão. É um recurso eficaz quando se tenta convencer, persuadir, orientar ou modificar crenças, opiniões, visões de mundo daqueles que se quer influenciar discursivamente. Por meio do *ethos*, o orador organiza o seu arsenal persuasivo e se lança para o seu auditório, buscando granjear-lhe a confiança.

Na esteira de Mateus (2018), em seu tratado sobre retórica para o século XXI, constatamos um profícuo estudo sobre a retórica midiatisada. Ao falar sobre o *ethos*, esse teórico português advoga que essa categoria opera no registro da credibilidade, do prestígio, razão por que o orador necessita mostra-se sincero, franco, verdadeiro. “O *ethos* denota um carácter moral que o orador aparenta, pelo menos, possuir e que deseja colocar ao serviço do seu auditório. Sem parecer moralmente integro ou credível, qualquer orador está condenado ao fracasso” (Mateus, 2018, p. 111). Como vemos, o *ethos* projetado pelo orador poderá ser real ou fictício. Nesse sentido, o persuasor precisa mostrar para o seu auditório uma imagem crível de si a fim de que seja possível conquistar a atenção daqueles que se pretende influenciar.

Em Amossy (2020), no livro “A argumentação no discurso”, percebemos que a autora dedica um capítulo para tratar sobre o *ethos* discursivo. Para Amossy (2020, p. 89), “um discurso não pode ter autoridade se não for pronunciado pela pessoa legitimada a pronunciá-lo em uma situação legítima, logo, de receptores legítimos, e se não for enunciado nas formas legítimas”. Para falar sobre essa temática, a teórica francesa busca ancoragem nos estudos aristotélicos. Porém, procede a algumas modificações, ao mencionar conceitos como *ethos* prévio. Discordamos dessa ideia, uma vez que, para nós, o *ethos* é, de fato, projetado apenas e exclusivamente mediante o discurso do orador. Não pode ser efetivado antes do discurso.

Essa discordância não é apenas nossa. Em um trabalho recente, o professor doutor Eduardo Lopes Piris, um dos principais teóricos da argumentação no Brasil, afirmou que não se pode negar a existência de uma imagem prévia do orador, pois a enunciação de seu discurso remete a discursos já ditos. Assim sendo, a sugestão lançada por esse pesquisador é “recobrir esse fenômeno, que é discursivo, empregando o termo ‘imagem prévia do enunciador’, em vez de *ethos* prévio ou *ethos* pré-discursivo, reservando, *mutatis mutandis*, o termo *ethos* apenas para o fenômeno apresentado por Aristóteles desde a sua Retórica” (Piris, 2019, p. 7, grifos do autor). Concordamos plenamente com esse autor, uma vez que não se pode nomear de *ethos* qualquer fenômeno discursivo que gire em torno do orador. Apenas a construção da imagem de si no discurso é que recebe o nome de *ethos*. É uma questão terminológica muito importante e que carece ser observada. O *ethos* não pode ser apreendido antes da enunciação do orador!

O próprio Aristóteles (2011, p. 45), ao falar da persuasão a partir do *ethos* do orador, expôs o seguinte pensamento: “Esse tipo de persuasão, semelhantemente aos outros, deve ser conseguido pelo que é dito pelo orador, e não pelo que as pessoas pensam acerca de seu caráter antes que ele inicie o discurso”. Portanto, neste trabalho, concordamos com Piris (2019) e com o próprio mestre grego Aristóteles (2011), haja vista que preferimos apreender o *ethos* conforme defende o pai da teoria retórica. É no discurso que o *ethos* aparece, finge, se mascara, se revela. Em nossas análises, investigaremos de que modo o orador construiu diferentes imagens de si para agir retoricamente diante do seu auditório. Por meio da argumentação, é possível observar quais foram as imagens de si construídas e como elas suscitam diferentes sentidos. Antes disso, iremos discorrer sobre alguns pontos que elucidam o fenômeno do neopentecostalismo.

O neopentecostalismo no Brasil: breves reflexões

Martin N. Dreher, pesquisador brasileiro, luterano, escreveu um livro sobre a história dos cristãos no qual argumentou acerca dos tipos de protestantismos que surgiram em nossas terras. Nele, o autor explica que, em termos quantitativos, devem-se levar em conta alguns tipos de protestantismos. O primeiro ao chegar ao Brasil foi o protestantismo luterano, em 1824. Esse momento está bem próximo do ano de 1808 quando se estabeleceu a liberdade de culto no Brasil. Essa liberdade foi registrada no Tratado de Comércio e Navegação, o que remete também a entrada de comerciantes anglicanos que, aliás, antecederam os luteranos e “[...] aos quais é garantida, desde 1808, liberdade de culto, no Brasil” (Dreher, 2013, p. 500). É sobre a presença do primeiro tipo de protestantismo em nossa nação com a chegada dos imigrantes luteranos que o citado autor se pronuncia, nomeando esse movimento de protestantismo de imigração o qual preparou e cultivou o terreno para a constituição das duas igrejas luteranas.

A segunda manifestação protestante se deu entre os anos de 1835 e 1859. Esse protestantismo ficou conhecido como protestantismo de missões e sua origem remete ao impacto dos projetos missionários elaborados por denominações protestantes dos Estados Unidos da América. Esse empreendimento ganhou forma a partir do que se entendia como conversão, pois tinha a função de tornar cada pessoa em um dos fiéis desvinculados da pertença religiosa católica romana. De acordo com Dreher (2013), foi o protestantismo de missão que se empenhou na evangelização e o resultado foi o surgimento das seguintes denominações cristãs: Igreja Evangélica Fluminense (Congregacional), Igreja Presbiteriana do Brasil (e grupos que dela se separaram), Igreja Metodista do Brasil, Igreja Batista, (com seus diversos ramos, reunidos ou não na Convenção Batista Brasileira) e a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Para Dreher (2013), a terceira manifestação protestante a surgir no Brasil ocorreu em 1910 e recebeu o nome de pentecostalismo. Esse tipo de protestantismo teve seu início nos estados de São Paulo e Belém e obteve grande êxito missionário. Esse terceiro grupo de protestantes se organizou no país dando origem às denominações Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo e Igreja do Evangelho Quadrangular. Cada uma delas com suas próprias idiossincrasias e normas.

Conforme explica Dreher (2013), a quarta manifestação protestante, como uma nova igreja surgida no Brasil entre os anos 1990 e 1992 (ou pode remontar a datas anteriores) recebeu o nome de neopentecostalismo. Os sociólogos da religião deram esse nome porque os elementos característicos do que se convencionou chamar de pentecostalismo não caracterizavam o neopentecostalismo devido ao que era específico de uma nova igreja. “O discurso religioso neopentecostal apresenta novos elementos discursivos com suas ênfases na Teologia da Prosperidade, assim como nas curas e milagres, acrescentando-se ainda a dimensão político-partidária” (Peña-Alfaro, 2005, p. 60). Nesse sentido, temos que o principal objetivo do quarto grupo protestante a ser caracterizado como o neopentecostalismo, iniciado na década de 1970, é propalar a cura divina, o exorcismo e a prosperidade a todo custo. Tudo isso fez com que surgisse esse outro movimento que, como vemos, perdeu os traços do pentecostalismo.

O neopentecostalismo brasileiro é um fenômeno religioso cristão que, na verdade, tem suas origens no pentecostalismo e também no protestantismo. São três movimentos que, de algum modo, permanecem ligados umbilicalmente, mas que apresentam distinções. De acordo com o entendimento de Freston (1993), existem pelos menos três momentos para que possamos compreender esse fenômeno religioso no Brasil que é oriundo do pentecostalismo. Segundo o citado autor, o primeiro momento se dá em 1910, com a chegada da Igreja Congregação Cristã no Brasil e em 1911 com o advento da Assembleia de Deus. São essas duas denominações religiosas que expandem o pentecostalismo no Brasil, com destaque maior para essa última igreja que teve mais fôlego ao se disseminar em grandes proporções geográficas no Brasil.

Ainda conforme estabelece Freston (1993), o segundo momento parte dos anos 1950 até o início dos anos 1960, quando ocorre uma fragmentação do campo pentecostal no Brasil. É nesse momento quando surgem pelos menos três grandes grupos maiores formados pelas Igrejas Quadrangular (1951), O Brasil Para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). O contexto dessa manifestação religiosa é paulista, sobretudo, nos fluxos migratórios da cidade. Já o terceiro momento acontece no final dos anos 1970 e conquista grande ímpeto nos anos 1980. As denominações religiosas que se destacaram nessa terceira onda são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980). Agora, o contexto é principalmente carioca. Com essas igrejas, temos uma perspectiva de inserção social e as questões teológicas apresentadas incorporam novos fenômenos até então desconhecidos.

Como vimos, Dreher (2013) e Freston (1993) concordam em alguns pontos, a exemplo do advento do pentecostalismo como um movimento que surgiu, no Brasil, em 1910 e se expandiu de maneira acentuada. Esses autores mostram como um fenômeno religioso se desmembrou de outro e ganhou corpo próprio. Atualmente, o neopentecostalismo é um movimento que cresce a cada dia. Igrejas como Universal do Reino de Deus, Mundial do Poder de Deus, Renascer em Cristo, Unida Deus Proverá, Plenitude do Trono de Deus, Assembleia de Deus Vitória em Cristo, entre outras, têm dominado os meios de comunicação e intensificado o número de adeptos. Com isso, aumentam-se as arrecadações e o poder de dominação. Em nosso entendimento, essas igrejas se tornaram grandes empresas com características mercadológicas e partidárias, pois elegem seus próprios representantes por meio do voto.

Ademais, importa analisar, neste trabalho, de que modo o líder máximo da Igreja Universal do Reino de Deus, como sendo a instituição carro-chefe do neopentecostalismo brasileiro, se utiliza da argumentação retórica a fim de mover e comover o seu auditório. Certamente, as argumentações desse orador estão sustentadas por valores neopentecostais, sobretudo, pela Teologia da Prosperidade que encontrou terreno fértil aqui no Brasil. Campos (2000) advoga que a Igreja Universal se comporta como um grande mercado e utiliza a fé das pessoas para negociar produtos e obter riquezas. E o próprio líder Bispo Edir Macedo ocupa um lugar de empresário da fé e não apenas de sacerdote espiritual que cuida da igreja.

Esses aspectos delineiam e dão forma ao movimento neopentecostal brasileiro que merece, cada vez mais, um olhar discursivo, pois as práticas argumentativas lançadas por chefes religiosos têm muito a nos dizer. A seguir, buscamos entender como o discurso religioso do Bispo Edir Macedo está impregnado de recursos persuasivos que visam interpelar o auditório a fim de que este pense, se comporte e aja de acordo com que aprende nas pregações sacras.

A argumentação retórica no sermão do Bispo Edir Macedo

A seguir, apresentamos as nossas análises da íntegra de um sermão² proferido pelo Bispo Edir Macedo (2019). Para melhor organizar o nosso olhar analítico, dividimos a pregação em três momentos, levando em consideração o sistema retórico, que trata das partes que constituem um discurso ao longo do seu processo de elaboração/produção. O primeiro trata do exórdio; o segundo da narração/confirmação; e o terceiro da peroração. Esperamos que cada análise apresente os elementos persuasivos que foram postos discursivamente pelo orador para lograr êxito na argumentação.

² MACEDO, E. *No Altar é tudo por tudo!* Youtube, 10 de dez. de 2019, 6min39seg. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ck1uD4Dmclg&t=156s>. Acesso em 2 ago. 2025.

Análise do ato retórico 1

No exórdio desse primeiro fragmento, percebemos que o orador procura fazer com que o auditório coloque sua vida no altar de Deus, sendo obediente ao que o chefe religioso ensina por meio da interpretação de textos bíblicos. Podemos visualizar isso a seguir:

Muito bom dia meus amigos que Deus abençoe a vocês e aos seus respectivos entes queridos familiares e vizinhos, enfim que todos sejam abençoados todos sejam abençoados através de suas próprias vidas. Aliás, é uma opção que a gente tem que Deus nos dá de sermos a própria bênção essa é a realidade quando Deus desceu lá no Monte Sinai em forma de fogo ele deu uma ilustração do que ele gostaria e ele quer fazer na vida de todos os que creem nele. Ele quer descer como fogo ele quer fazer de você o próprio Sinai e fazer de você uma criatura cheia do Espírito Santo para que você seja instrumento dele para testificar, testemunhar da ressurreição do senhor Jesus Cristo, mas fica claro, fica evidente que isso só é possível quando as pessoas se submetem humildemente no altar de Deus. Quando elas colocam as suas vidas no altar de todo o seu coração com todas as suas forças de toda a sua alma, quando elas abrem mão dos seus pecados quando elas abrem mão do orgulho, da vaidade, da prepotência, da arrogância, quando elas abrem mão de si mesmos cem por cento porque é assim que a pessoa passa a ter um conhecimento de Deus. Não se glorie o sábio na sua sabedoria, nem o forte o poderoso na sua força no seu poder, não se glorie o rico nas suas riquezas, mas o que se gloriar, glorie-se nisto dois pontos em me entender em me entender e me conhecer em me entender e em me conhecer que eu sou o senhor, que eu sou o senhor (Macedo, 2019).

Neste primeiro ato retórico proferido pelo orador, constatamos que o chefe religioso apresenta ao seu auditório um modo de como este deve agir e se comportar. O orador nomeia o seu auditório de “meus amigos”, demonstrando uma aproximação afetiva, buscando despertar as paixões da confiança e da amizade. Amigo é aquele que está próximo, que é conhecido e que merece, de algum modo, confiança. Além disso, percebemos que o argumentador busca, a todo instante, mostrar que existem ações que o auditório precisa seguir para que Deus possa abençoá-lo. Ele preleciona: “Muito bom dia meus amigos que Deus abençoe a vocês e aos seus respectivos entes queridos familiares e vizinhos, enfim que todos sejam abençoados todos sejam abençoados através de suas próprias vidas” (Macedo, 2019). Inicialmente, entendemos que o orador projeta um *ethos* de líder religioso, uma vez que declara bençãos para as pessoas que lhe acompanham, bem como para os familiares e até vizinhos dessas

mesmas pessoas. O lugar de prestígio, de credibilidade, ou seja, o *ethos* de líder religioso com um chamado pastoral é o que chancela e autoriza esse tipo de discurso que é apresentado. Não é qualquer pessoa que pode abençoar.

Ademais, o orador enuncia que as pessoas são a própria bênção. Vemos isso no seguinte momento retórico: “Aliás, é uma opção que a gente tem que Deus nos dá de sermos a própria bênção essa é a realidade quando Deus desceu lá no Monte Sinai em forma de fogo ele deu uma ilustração do que ele gostaria e ele quer fazer na vida de todos os que creem nele” (Macedo, 2019). Nesse trecho argumentativo, observamos que o orador endossa ainda mais o seu *ethos* de líder religioso, ao ensinar para o seu auditório qual seria a vontade de Deus na vida das pessoas que creem. Por meio do argumento de autoridade, ao mencionar uma passagem bíblica encontrada no Antigo Testamento, sobretudo, no livro de Êxodo, o enunciador advoga que as pessoas devem ser a própria bênção divina. “O argumento de prestígio mais nitidamente caracterizado é o argumento de autoridade, o qual utiliza atos ou juízos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova a favor de uma tese” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014, p. 348).

Mas como aconteceria esse modo de ser a própria bênção? O orador não apresenta, explicitamente, um texto bíblico sequer que comprove essa asserção. No máximo, faz menção a uma passagem bíblica sobre o Monte Sinai, sem esmiuçar em maiores detalhes o que aborda o texto bíblico e como se aplicaria no contexto em que está enunciando. A argumentação é lançada para interpelar o auditório e a passionalidade é acionada para que conduza os fiéis à crença de que tudo o que o orador enuncia é verdadeiro e, por isso, precisa ser apreendido.

A seguir, o orador se reveste de um *ethos* de profeta, uma vez que revela os desejos misteriosos da Divindade Cristã. É o que podemos verificar em:

Ele quer descer como fogo ele quer fazer de você o próprio Sinai e fazer de você uma criatura cheia do Espírito Santo para que você seja instrumento dele para testificar, testemunhar da ressurreição do senhor Jesus Cristo, mas fica claro, fica evidente que isso só é possível quando as pessoas se submetem humildemente no altar de Deus (Macedo, 2019).

Nessa argumentação, o orador declara os possíveis anseios divinos. Como ele sabe disso? É justamente o *ethos* de profeta, de convededor do futuro e do campo misterioso da fé que outorgam essa possibilidade ao orador. O auditório poderá enxergar o orador como alguém que realmente foi escolhido por Deus para revelar informações de um mundo inacessível aos simples mortais. A paixão da confiança é a que mais se apresenta como efeito possível nessa asserção. O orador busca conquistar a adesão do auditório para que confie nessa argumentação que, como vemos, trilha um caminho movediço. Esse sacerdote evangélico se projeta como alguém que tem uma revelação divina, outorgada pelo próprio Deus.

É possível constatar que o orador repete várias vezes o pronome “você”, enfatizando que Deus quer fazer algo grandioso com seus seguidores. Segundo o orador, Deus quer usar seus fiéis como instrumento para testificar e testemunhar da ressureição de Jesus, mas isso só irá acontecer se as pessoas se submeterem ao altar. O que seria essa submissão ao altar? Como se trata de uma denominação religiosa neopentecostal, seria entregar pequenas ou grandes somas de dinheiro com a ideia de que Deus retribuirá muito mais? Seria obedecer às ordens que o líder máximo determinar, não importando valores éticos, morais e civis? O que, de fato, seria essa entrega no altar? Essa foi a condição que o próprio orador apresentou ao seu auditório: para receber as bençãos divinas, é preciso se submeter humildemente no altar de Deus. Logo, quem não se submete, ficará de fora da bênção. Entretanto, não fica explícito como isso seria feito. Como sabemos, previamente, a maneira como atua a Igreja Universal do Reino de Deus, bem como o seu líder máximo, não fica muito difícil inferir quais são as exigências dessa subserviência no altar: está relacionada com questão financeira, com as doações dos fiéis.

Em seguida, o orador elenca algumas formas de colocar a vida no altar. No entanto, em nenhuma delas, por exemplo, ele fala sobre prosperidade, dinheiro ou algo dessa natureza financeira como é tão comum em denominações religiosas neopentecostais. Vejamos o que argumenta o orador:

Quando elas colocam as suas vidas no altar de todo o seu coração com todas as suas forças de toda a sua alma, quando elas abrem mão dos seus pecados quando elas abrem mão do orgulho, da vaidade, da prepotência, da arrogância, quando elas abrem mão de si mesmos cem por cento porque é assim que a pessoa passa a ter um conhecimento de Deus (Macedo, 2019).

Conforme o discurso em tela, as pessoas precisam entregar a própria vida no altar, abrindo mão de pecados, orgulho, vaidade, prepotência e arrogância, a fim de obter um conhecimento de Deus. Novamente, constatamos a projeção do *ethos* de líder religioso, pois o orador ensina para o seu auditório o que é necessário fazer para alcançar o conhecimento divino. Sem esses passos anunciados, parece mesmo ser difícil ou impossível chegar a esse conhecimento místico.

Com um discurso apresentado dessa maneira, o auditório poderá ser impactado com a paixão do arrependimento, a fim de que, se alguma pessoa tiver orgulho, vaidade, prepotência ou arrogância, poderá eliminar esses sentimentos e mudar de comportamento. O despertar de paixão exige ação, mudança de atitude e de comportamento. Se o auditório crer no que é anunciado pelo orador, certamente seguirá as recomendações que foram apresentadas ao assentimento. Comover os ânimos do auditório é, sem sombra de dúvida, umas das estratégias retóricas mais utilizadas por argumentadores. O citado orador promove um discurso que tem o

poder de cativar os ânimos do auditório, perscrutando as nuances passionais a fim de que todas as pessoas que tiveram contato com essa pregação possam, de alguma maneira, “colocar a vida no altar”, para servir a Deus. Preferencialmente, no altar da Igreja Universal e não de outra.

Ademais, o orador engatilha uma citação direta a uma perícope bíblica encontrada no livro do profeta Jeremias, capítulo 9, versículos 23 e 24. Em nenhum momento, esse argumentador informa ao auditório que sua fala é parte da oralização do mencionado texto teológico. O orador proclama:

Não se glorie o sábio na sua sabedoria, nem o forte o poderoso na sua força no seu poder, não se glorie o rico nas suas riquezas, mas o que se gloriar, glorie-se nisto dois pontos em me entender em me entender e me conhecer em me entender e em me conhecer que eu sou o senhor, que eu sou o senhor (Macedo, 2019).

Percebemos que o chefe religioso projeta no discurso um *ethos* de homem religioso, conhecedor da Bíblia, uma vez que demonstra estar citando o texto de cor, de memória. Por meio do texto bíblico, o orador conclama o seu auditório a gloriar-se apenas em Deus. Sabedoria, poder e riquezas não seriam objetos de glória.

Assim sendo, o auditório poderá crer que o orador tem credibilidade para pregar, haja vista sua capacidade de citar textos bíblicos sem precisar consultá-los na própria Bíblia. Com isso, entendemos que existe uma amplificação na tentativa de emocionar o auditório, a fim de despertar a paixão da confiança. Isso implica numa ideia, projetada para o entendimento do auditório, que o orador tem uma capacidade acima do normal e tal capacidade, nesses termos, seria dada através do relacionamento com Deus. Além disso, o discurso almeja fazer com que o auditório não seja inclinado à sabedoria, poder e riquezas. O foco transmitido é a busca incessante pelo conhecimento sobre Deus e as coisas espirituais. Entretanto, precisa confiar na liderança do pregador como alguém que conduz o seu povo.

Análise do ato retórico 2

No desenvolvimento desse momento retórico, notamos que o orador lança uma argumentação que objetiva colocar o auditório em um vale da decisão. Afirma que é preciso largar tudo, inclusive a própria família, para servir a Deus. Vemos isso a seguir:

(...) então quando você coloca essa palavra na sua cabeça e começa a pensar você há de convir que essa é uma opção que você tem e só você tem na sua vida. Cada um tem a sua própria escolha cada um faz a sua própria escolha. Um dia eu fiz essa escolha eu coloquei todos os meus sonhos toda minha vida todo o meu ser todo meu

futuro. Eu era jovem com 18 anos eu abri mão do meu futuro eu abri mão de tudo tudo tudo tudo tudo eu abri mão do meu grande amor da minha vida que era minha mãe. Eu amava meu pai obviamente meus irmãos minha família, mas a minha mãe sabe como é né? Mãe é mãe eu a tinha como a minha deusa. E eu abri mão também dela. Foi tudo é tudo por tudo quando a gente fala de colocar tudo no altar é justamente isso a gente vai com tudo e todas as forças e colocamos o nosso eu o que nós somos o que nós pretendemos ser o que nós temos o que nós pretendemos ter é tudo é tudo por tudo. Ora se você quer conhecer o senhor quer entender a vontade dele para sua vida você quer servi-lo você quer você quer que ele seja o seu senhor de verdade então você tem que se colocar num lugar de serva, serva ou servo não tem direito de sonhar os seus sonhos o servo e a serva eles só têm direito de sonhar os sonhos do senhor Jesus Cristo agora é claro quando você o agrada com todas as suas forças de todo o seu coração de toda a sua alma então ele satisfaz todos os desejos do seu coração (Macedo, 2019).

Neste segundo fragmento do ato retórico em tela, instaurado na narração/ confirmação da pregação, o chefe religioso argumenta que o auditório precisa se doar por completo para Deus. Não pode, inclusive, ter os próprios sonhos ou vontades, pois é preciso satisfazer apenas os desejos divinos. Para o pregador, é necessário abrir mão de tudo para se entregar à obra de Deus. Vemos isso no trecho:

então quando você coloca essa palavra na sua cabeça e começa a pensar você há de convir que essa é uma opção que você tem e só você tem na sua vida. Cada um tem a sua própria escolha cada um faz a sua própria escolha. Um dia eu fiz essa escolha eu coloquei todos os meus sonhos toda minha vida todo o meu ser todo meu futuro (Macedo, 2019).

Por meio dessa asserção, o orador projeta um *ethos* de líder religioso, que está buscando conduzir o seu povo para que faça uma escolha acertada. Para tanto, engatilha o argumento do modelo.

Podem servir de modelo pessoas ou grupos cujo prestígio valoriza os atos. O valor da pessoa [...] constitui a premissa da qual se tirará uma conclusão preconizando um comportamento particular. Não se imita qualquer um; para servir de modelo, é preciso um mínimo de prestígio (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014, p. 414).

Ora, se o Bispo Macedo fez e deu certo, os fiéis podem confiar que, se fizerem a mesma coisa, também serão abençoados. A estratégia argumentativa lançada atinge, também, o campo emocional, uma vez que a paixão da confiança é despertada. Exige-se, nesse argumento, um comando para o auditório realizar ações.

Ao continuar a sua pregação, o orador relembraria como foi difícil, na juventude, abrir mão da própria família para “servir a Deus”. Ele fala da juventude, da mãe, do pai, dos irmãos e ressalta que foi preciso deixar os parentes para seguir. A próxima sequência argumentativa mostra essa asserção:

Eu era jovem com 18 anos eu abri mão do meu futuro eu abri mão de tudo tudo tudo tudo tudo tudo eu abri mão do meu grande amor da minha vida que era minha mãe. Eu amava meu pai obviamente meus irmãos minha família, mas a minha mãe sabe como é né? Mãe é mãe eu a tinha como a minha deusa. E eu abri mão também dela (Macedo, 2019).

O pregador projeta para o seu auditório um *ethos* de homem religioso, que é capaz de largar a própria família para realizar as ordenanças de Deus. Por meio do lugar retórico de quantidade, afirma que possuía apenas 18 anos quando tomou a decisão de fazer “a obra de Deus”. De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 97), “entendemos por lugares da quantidade os lugares-comuns que afirmam que uma coisa é melhor do que outra por razões quantitativas”.

Nesse sentido, a idade tenra denota que o pregador começou cedo a sua jornada religiosa e que hoje é uma pessoa de vasta experiência. Por meio da repetição (tudo), constatamos que existe uma tentativa de ratificar que nada pode impedir o auditório de fazer “a vontade de Deus”, nem mesmo o apreço pela mãe e pela família. Por meio do argumento de definição, o pregador define sua mãe como “o grande amor de sua vida”. Mesmo assim, conta que foi preciso deixá-la para servir a Deus. “As definições descritivas indicam qual o sentido conferido a uma palavra em certo meio, num certo momento” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014, p. 239). Essa argumentação gira em torno da seguinte formulação: é preciso deixar tudo para que seja possível se entregar na obra de Deus. Entretanto, essa entrega tem sua guarida maior na doação de recursos financeiros, como veremos um pouco mais à frente. A pregação tenta mover e comover o auditório nessa direção de ser um doador de tudo quanto possui a fim de ajudar a obra de Deus, caracterizando-se como um fiador sacro, aquele que contribui com a igreja.

Ademais, o orador continua asseverando a necessidade de doar tudo quanto tem no altar de Deus. Até mesmo o que ainda não se tem é mencionado. “Foi tudo é tudo por tudo quando a gente fala de colocar tudo no altar é justamente isso a gente vai com tudo e todas as forças e colocamos o nosso eu o que nós somos o que

nós pretendemos ser o que nós temos o que nós pretendemos ter é tudo é tudo por tudo" (Macedo, 2019). O *ethos* de líder religioso que motiva e encoraja o auditório é marcado nessa asserção. Percebemos que o pregador se utiliza de uma argumentação inclusiva (nós), como se ele mesmo fizesse a mesma coisa. O auditório precisa enxergar que realmente é um dos seus que está ali na frente pregando o sermão. Só assim será possível conquistar a confiança das pessoas que acompanham o sermão. Através do lugar retórico do existente, o orador pede que o auditório coloque o que tem no altar. "O lugar do existente dá preferência àquilo que já existe, em detrimento daquilo que não existe. [...] O emprego que já existe é hierarquizado acima do emprego que ainda não existe" (Abreu, 2009, p. 95-96).

Esse pedido de colocar o que tem no altar certamente diz respeito a bens materiais, dinheiro ou algo dessa natureza econômica. A Igreja Universal do Reino de Deus é uma das pioneiras em aderir a Teologia da Prosperidade. Todavia, para que haja a prosperidade, é necessário entregar, por meio de sacrifícios, algo valioso com a promessa de receber as bênçãos divinas aumentadas em muitas vezes mais. Compreendemos que, implicitamente, essa pregação almeja fazer com que o auditório creia e aja nesse sentido de doar tudo aquilo que possui.

Finalmente, na última parte desse fragmento retórico, o pregador estabelece alguns critérios para que o auditório aprenda a fazer a vontade de Deus. No discurso em tela, o orador argumenta que para servir a Deus, é necessário abdicar da própria liberdade, ou seja, é preciso deixar que a Divindade tome todas as decisões que guiarão a vida dos fiéis.

Ora se você quer conhecer o senhor quer entender a vontade dele para sua vida você quer servi-lo você quer você quer que ele seja o seu senhor de verdade então você tem que se colocar num lugar de serva, serva ou servo não tem direito de sonhar os seus sonhos o servo e a serva eles só têm direito de sonhar os sonhos do senhor Jesus Cristo agora é claro quando você o agrada com todas as suas forças de todo o seu coração de toda a sua alma então ele satisfaz todos os desejos do seu coração (Macedo, 2019).

Compreendemos existir aqui a formulação de um *ethos* de profeta, visto que o orador se apresenta como alguém que realmente conhece os ideários divinos. Ele prega que os fiéis precisam se colocar no lugar de servos. Quem disse isso? Com qual base bíblica o orador constrói esse argumento? Não há, como vemos, menção a textos bíblicos que comprovem essa asserção. Trata-se apenas da opinião do orador, revestido desse lugar de credibilidade sacra.

Aliás, se pensarmos em discursos jesuânicos sobre isso, encontrariamos uma perícope bíblica que parece desfazer essa argumentação do orador. Em João 15:15, por exemplo, é dito: “Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas chamei-vos amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos dei a conhecer”. Nessa passagem teológica, notamos explicitamente que Jesus não tratou os seguidores como servos que não têm vontade própria ou privação de um tipo de livre-arbítrio. Ao contrário, Jesus rejeitou a nomenclatura “servo” e nomeou os seus seguidores de “amigos”. Existe, nesse ínterim, uma manipulação da verdade, ou seja, o orador apresenta para o seu auditório um tipo de discurso que não encontra aderência na realidade. É mais uma vontade própria do orador, no sentido de querer que o auditório seja passivo e aceite tudo o que for proposto. Também identificamos a presença do argumento pragmático, pois o persuasor postula que se o auditório agradar a Jesus, então este irá satisfazer os desejos dos fiéis. Ou seja, haverá uma consequência favorável aos que fizerem isso. “Denominamos argumento pragmático aquele que permite um ato ou um acontecimento consoante suas consequências favoráveis ou desfavoráveis” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014, p. 303). Nesses termos, compete ao auditório apenas obedecer ao orador.

Nesse sentido, o apelo emocional engatilhado gira em torno da paixão da obediência. O chefe religioso busca, a todo instante, interpelar o seu auditório a fim de que este pense e aja conforme o orador preceitua. Para isso, age de modo a desencadear, discursivamente, possíveis sentidos que tendem a aprisionar o auditório em um lugar praticamente sem saída: ou aceita o que está sendo pregado, ou não conseguirá ter as bênçãos de Deus em sua vida. A argumentação em tela cria um tipo de “prisão” para os fiéis que são impactados racional e passionadamente. E a manipulação da verdade encontra ampla guarida em um discurso que se apresenta como religioso, constituinte e intocável, mesmo contradizendo explicitamente textos bíblicos.

Análise do ato retórico 3

Na conclusão da pregação, o orador mostra a importância de o auditório ser totalmente submisso a fim de que se torne coparticipante das coisas de Deus. Segundo o pregador, se entregar por inteiro no altar é o que autoriza ter uma vida abençoada. Ele diz isso a seguir:

(...) porque quando você entende ou melhor quando a pessoa entende que Deus não nos dá o Espírito Santo por medida, quer dizer ele não nos dá uma parte do Espírito Santo ou um pouquinho do Espírito Santo, ele nos dá a plenitude do Espírito Santo que ele quer dizer se dar por inteiro, se dá por inteiro quando Jesus foi

entregue no calvário foi por inteiro Deus entregou o filho inteiro no calvário tudo, tudo. Então quando a pessoa entende isso aí fica mais simples entender que a vida dela só depende da entrega dela 100% totalmente, totalmente. É como casamento quando a gente casa a gente se entrega um para o outro e tornamo-nos uma só carne um só corpo. Quando nós nos entregamos para Deus, nós também tornamo-nos um só espírito com ele é o que está escrito. Então minha amiga, meu amigo é tudo por tudo, agora eu não estou aqui tentando convencer ninguém a fazer isso estou pregando a palavra de Deus, estou ensinando a palavra de Deus, estou tentando ensinar a palavra de Deus e tentando falar para vocês com meu próprio testemunho que foi assim que aconteceu comigo. Então, a felicidade começa quando a gente toma uma decisão inteligente e a decisão inteligente é colocar-se no lugar de servo, serva do altíssimo. Por isso ele diz glorie-se o homem nisto em me entender quer dizer, entender que eu sou o senhor e me conhecer, conhecer eu como senhor. Você só vai conhecê-lo quando você colocar toda sua vida no altar. Deus abençoe a todos e até amanhã neste horário. Deus abençoe (Macedo, 2019).

Neste terceiro ato retórico, o pregador ensina de que maneira o auditório deve agir para conhecer Deus e fazer a vontade dessa Divindade do Cristianismo. A argumentação continua perscrutando a ideia de que o auditório precisa se doar por inteiro para fazer a vontade de Deus e, para isso, é necessário ocupar um lugar de plena submissão. É posto que Deus, quando envia algo para o seu povo, o faz na íntegra, isto é, concede a plenitude de alguma benesse. O exórdio desse fragmento preleciona a seguinte asserção:

porque quando você entende ou melhor quando a pessoa entende que Deus não nos dá o Espírito Santo por medida, quer dizer ele não nos dá uma parte do Espírito Santo ou um pouquinho do Espírito Santo, ele nos dá a plenitude do Espírito Santo que ele quer dizer se dar por inteiro, se dá por inteiro quando Jesus foi entregue no calvário foi por inteiro Deus entregou o filho inteiro no calvário tudo, tudo (Macedo, 2019).

Por meio da utilização do argumento pelo exemplo, o pregador ressalta que o Espírito Santo não é concedido parcialmente e o sacrifício vicário de Jesus Cristo também não foi feito de forma incompleta. “Na argumentação pelo exemplo, o papel da linguagem é essencial. Quando dois fenômenos são subsumidos sob um mesmo conceito, a assimilação deles parece resultar da própria natureza das coisas, ao passo que a diferenciação deles parece necessitar de uma justificação”

(Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014, p. 406). Em razão disso, o auditório também não pode se esquivar de se doar por inteiro, ao contrário, deve entregar-se totalmente na obra de Deus. Logo, se Jesus entregou tudo, muito mais os seres humanos devem cumprir isso também. O *ethos* de líder religioso é engendrado, haja vista que o orador se apresenta como alguém que está ensinando a maneira de o auditório agir para tentar agradar a Deus.

O chefe religioso busca, constantemente, inculcar no auditório essa ideia de entregar tudo o que possui no altar de Deus. Ele continua argumentando:

Então quando a pessoa entende isso aí fica mais simples entender que a vida dela só depende da entrega dela 100% totalmente, totalmente. É como casamento quando a gente casa a gente se entrega um para o outro e tornamo-nos uma só carne um só corpo. Quando nós nos entregamos para Deus, nós também nos tornamos um só espírito com ele é o que está escrito (Macedo, 2019).

Como vemos, o orador recorre ao lugar retórico de quantidade para mostrar que a entrega tem de ser em cem por cento, ou seja, integral. Em seguida, lança o argumento de comparação para cotejar uma possível semelhança entre se entregar na obra de Deus e se entregar no casamento. “A argumentação não poderia ir muito longe sem recorrer a comparações, nas quais se cotejam vários objetos para avaliá-los um em relação ao outro” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014, p. 274).

Assim sendo, infere-se que do mesmo modo que o casal se torna uma só carne, Deus e o servo se tornarão um só espírito. Qual cristão não quer se tornar um espírito com Deus? Essa asserção almeja emocionar o auditório, podendo suscitar as paixões da confiança, da esperança, da alegria e do amor, ao saber dessa possibilidade de se fundir com a Divindade do Cristianismo. O argumento de autoridade “está escrito” é o que chancela e credibiliza essa argumentação, pois faz referência à Bíblia Sagrada, livro de fé, regra e prática dos cristãos, considerada a palavra inerrante e infalível de Deus. O *ethos* de profeta é o que sustenta e imprime credibilidade ao discurso. O orador se coloca como um fiador de que realmente isso que ele enuncia irá acontecer se as pessoas seguirem todos os seus aconselhamentos.

Ao continuar sua argumentação, o chefe religioso diz que não tem o objetivo de convencer ninguém a fazer nada. Ele tenta comunicar que é apenas um pregador que transmite a mensagem de Deus.

Então minha amiga, meu amigo é tudo por tudo, agora eu não estou aqui tentando convencer ninguém a fazer isso estou pregando a palavra de Deus, estou ensinando a palavra de Deus, estou tentando ensinar a palavra de Deus e tentando falar para vocês com meu próprio testemunho que foi assim que aconteceu comigo (Macedo, 2019).

Constatamos aqui a projeção de um *ethos* de líder religioso que ensina e conduz o seu povo a um modo específico de comportamento sacro, recorrendo, mais uma vez, a função pedagógica da retórica. O líder religioso é aquele que guia as ovelhas ao aprisco a fim de que possam estar seguras do perigo. Entretanto, pensamos que, neste caso, o orador pretende fazer com que os ouvintes entreguem valores financeiros na igreja evangélica que preside, até porque o orador faz uso recorrente de um termo encapsulador “tudo”, pois dentro desse recurso textual-discursivo, com caráter acentuadamente retórico, cabem muitas questões, inclusive, o dinheiro.

Por meio do argumento de refutação antecipada, o pregador advoga “não estou aqui tentando convencer ninguém a fazer isso”. Conforme explica Moura (2020, p. 213), esse argumento é mobilizado quando o orador parece prever a “reação de alguns segmentos que terão acesso ao discurso que está sendo projetado e, antecipando-se às suas reações, engendra um plano de refutação às mesmas no intuito de neutralizar seus efeitos”. Essa negação do orador busca blindar o discurso, pois é justamente a conquista da convicção e da persuasão que o orador almeja alcançar. Ele manipula a verdade, pois realmente quer que as pessoas entreguem tudo no altar da igreja, como dízimos, ofertas, votos, campanhas, fogueira santa de Israel, entre outros meios de doações. O orador ainda utiliza o argumento do modelo, ao dizer que “foi assim que aconteceu comigo”. Logo, as pessoas que imitarem esse pregador, também poderão receber as bençãos divinas. Ele se apresenta como um modelo digno de ser imitado por seus fiéis.

Na conclusão dessa pregação, o orador exorta o seu auditório para que tome uma decisão alinhada com tudo o que foi posto na argumentação sacra. Ele enuncia:

Então, a felicidade começa quando a gente toma uma decisão inteligente e a decisão inteligente é colocar-se no lugar de servo, serva do altíssimo. Por isso ele diz glorie-se o homem nisto em me entender quer dizer, entender que eu sou o senhor e me conhecer, conhecer eu como senhor. Você só vai conhecê-lo quando você colocar toda sua vida no altar. Deus abençoe a todos e até amanhã neste horário. Deus abençoe (Macedo, 2019).

Compreendemos que o orador formula um *ethos* de líder religioso, uma vez que incita o seu auditório a tomar uma decisão. Por meio do argumento da definição, conceitua a decisão inteligente como o ato de ser servo de Deus. O orador fala em felicidade e mostra ao auditório que essa paixão só será experienciada se o público se colocar no lugar de servo, de alguém que é totalmente submisso às ordenanças divinas.

A busca por despertar a paixão da obediência no auditório é perseguida em toda a pregação do orador. Ele demonstra querer que as pessoas que lhe assistem ou ouvem sejam submissas a tudo o que for ensinado por esse chefe religioso.

Ainda apregoa o argumento de autoridade encontrado no livro do profeta Jeremias 9:24, a fim de endossar mais ainda essa ideia apresentada ao assentimento. Por fim, por meio do seu lugar de prestígio e legitimidade como chefe religioso, profere bênçãos ao auditório, regulando o acordo argumentativo.

Portanto, identificamos que existe um tipo de argumentação que visa estabelecer uma manutenção persuasiva, ou seja, pessoas que já estão seguindo o bispo Edir Macedo e a Igreja Universal do Reino de Deus e que carecem ser “alimentadas” para não desanimarem e desistirem da citada instituição religiosa. Também pretende arrebatar novos adeptos para o redil neopentecostal que se sustenta a partir de curas, exorcismos e da Teologia da Prosperidade.

Considerações finais

Por meio do estudo das técnicas argumentativas no discurso, foi possível compreender como elas são efetivadas em um sermão pregado pelo Bispo Edir Macedo, que é fundador, líder e atual administrador da Igreja Universal do Reino de Deus. Esse orador evangélico lançou mão de distintas construções da imagem de si, de variados argumentos com um tom racional e de paixões que foram despertadas discursivamente a fim de comover os ânimos do auditório.

No que refere ao *ethos*, constatamos a projeção das seguintes imagens de si: líder religioso, profeta e homem religioso. Entre esses três tipos, destacamos o *ethos* de líder religioso, uma vez que foi o mais recorrente na pregação analisada. Isso aconteceu porque o pregador tentou conduzir os pensamentos e as ações do auditório para que se doasse inteiramente no altar de Deus. Ou seja, o orador se projetou como um líder que é capaz de conduzir os seus comandados a um modelo de vida estritamente devotado à igreja. Identificamos, também, que o orador carreia um tipo de discurso que enseja fazer com que o seu público permaneça na igreja que preside, razão por que temos aqui uma retórica da manutenção persuasiva, fazendo com que as pessoas já persuadidas sejam “alimentadas”.

No que concerne ao *logos*, percebemos que o orador lançou mão de alguns tipos de argumento com o objetivo de interpelar o seu auditório. Soube o pregador engatilhar raciocínios potencialmente persuasivos através dos seguintes argumentos: autoridade, modelo, lugar retórico de quantidade, definição, lugar retórico do existente, pragmático, exemplo, comparação e refutação por antecipação. Os argumentos de autoridade e de definição foram os mais mobilizados na argumentação em tela. O pregador ancorou seu raciocínio na Bíblia, considerada um livro sagrado que comporta a Palavra de Deus. Além disso, procede a definições que descrevem subjetivamente alguns fenômenos. O orador sedimenta nuances racionais nesse sermão que se propõem a orientar de que maneira o auditório deve agir.

No que tange ao *pathos*, entendemos que as paixões, enquanto efeitos possíveis desencadeados discursivamente, organizaram-se de maneira incisiva. Paixões como confiança, amizade, arrependimento, obediência, esperança, alegria e amor são suscitadas na argumentação do referido chefe religioso. Destacamos a confiança e a obediência como as principais, haja vista que o orador busca atingir o campo afetivo de seu auditório para que acredite em tudo o que é anunciado, bem como que seja submisso ao que está sendo pregado. Mobilizar o outro por meio das paixões é uma das principais armas na arte de persuadir pelo discurso e esse orador acende a chama passional que tenta iluminar o seu discurso retórico.

Com base nessas informações, identificamos as estratégias argumentativas que foram encenadas durante o ato retórico analisado. Vimos, também, que a manipulação obteve presença na argumentação, uma vez que o pregador apostou suas asserções em ideias que não encontram aderência na realidade dos fatos, trilhando um caminho enganoso, manipulador. É preciso demolir essas questões que, de alguma maneira, pretendem conquistar, manter e ampliar a adesão do outro por meio da má-fé, mentira, engodo e denegação. Investigar essas querelas manipulatórias é uma das principais tarefas dos estudos argumentativos de linha retórica na contemporaneidade. Em outros estudos, iremos enveredar por essa seara conflituosa.

Para concluir as nossas discussões, ao menos por enquanto neste breve artigo, gostaríamos de mencionar a seguinte citação:

“O impostor não tem motivos altruístas. Para ele, não se trata de proteger o outro, mas sim apenas a sua própria pessoa [...]. Deve se empenhar em um trabalho de persuasão e de sedução dos outros para fazer crer que o personagem que ele exibe é uma pessoa autêntica e legítima” (Charaudeau, 2022, p. 82-83).

Referências

- ABREU, A. S. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. São Paulo: Ateliê, 2009.
- AMOSSY, R. *A argumentação no discurso*. Tradução de Angela M. S. Corrêa *et al.* São Paulo: Contexto, 2020.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.
- CAMPOS, L. S. *Teatro, templo y mercado: Comunicación y marketing de los nuevos pentecostales en América Latina*. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2000.
- CHARAUDEAU, P. *A manipulação da verdade: do triunfo da negação às sobras da pós-verdade*. Tradução de Dóris de Arruda C. da Cunha; André Luís de Araújo. São Paulo: Contexto, 2022.
- DREHER, M. N. *História do povo de Jesus: uma leitura latino-americana*. São Leopoldo: Sinodal, 2013.
- FERREIRA, L. A. *Leitura e persuasão: princípios de análise Retórica*. São Paulo: Contexto, 2015.
- FERREIRA, L. A. Princípios de análise retórica do discurso: a *quaestio*. In: AZEVEDO, I. C. M.; DAMASCENO-MORAIS, R. (org.). *Introdução à análise da argumentação*. Campinas: Pontes Editores, 2022. p. 223-248.
- FRESTON, P. *Protestantismo e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 1993. 307f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1581014>. Acesso em: 28 jan. 2025.
- MACEDO, E. *No Altar é tudo por tudo!* Youtube, 10 de dez. de 2019, 6min 39 seg. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ck1uD4DmcIg&t=156s>. Acesso em 2 ago. 2025.
- MAINIGUENEAU, D. *Frases sem texto*. Tradução de Sírio Possenti, *et al.* São Paulo: Parábola, 2014.
- MATEUS, S. *Introdução à retórica no séc. XXI*. Covilhã: Editora LabCom.IFP, 2018. Disponível em: https://www.labcom.ubi.pt/ficheiros/201804271553-201807_introretorica_smateus.pdf. Acesso em: 10 fev. 2025.
- MOURA, J. B. *Análise discursiva de editoriais do Jornal Meio Norte: um retrato do Piauí*. Teresina: EDUFPI, 2020. Disponível em: <http://editorapathos.com.br/analise-discursiva-de-editoriais-do-jornal-meio-norte-um-retrato-do-piaui/>. Acesso em: 25 jan. 2025.
- NASCIMENTO, J. O discurso teológico como discurso constituinte. In: NASCIMENTO, J.; FERREIRA, A. (org.). *Discursos constituintes*. São Paulo: Blucher Open Access, 2020. p. 34-59.
- PEÑA-ALFARO, A. A. *Estratégias discursivas de persuasão em um discurso religioso neopentecostal*. 2005. 234 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

PIRIS, E. L. O ethos e suas noções conexas: análise do discurso do líder do governo na sessão parlamentar que antecedeu o AI-5. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 61, p. 1–18, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8655042>. Acesso em: 16 jun. 2024.

PLANTIN, C. *A argumentação: história, teorias, perspectivas*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

REBOUL, O. *Introdução à retórica*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROCHA, M. S. *Oradores protestantes e o sermão oral: a retórica no discurso religioso*. Campinas/SP: Pontes Editores, 2022.